

A BIBLIOTECA DE BABEL COMO ESPAÇO DO SAGRADO

Marcella Abboud (IEL-UNICAMP)¹

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise do conto “A Biblioteca de Babel”, do autor argentino Jorge Luis Borges, como um espaço pertencente ao Sagrado, com a caracterização dada pela dicotomia entre Sagrado e Profano que nos é apresentada por Mircea Eliade, em “O Sagrado e o Profano: a essência das religiões”. A Biblioteca, além de Sagrada, constituiu-se como Sublime, nos moldes dos dizeres kantianos.

Palavras-chave: sagrado; biblioteca; Borges; sublime.

A Biblioteca de Babel

É possível que um dos contos mais célebres do argentino Jorge Luis Borges seja “A Biblioteca de Babel”, tão amplamente lido e discutido desde a sua publicação, em 1944, na obra *Ficciones*. Sua fama, entretanto, não se deve a nenhum tipo de simplicidade. Muito pelo contrário, “A Biblioteca de Babel” é um dos contos mais complexos e obscuros do autor, responsável por um número, quase tão grande quanto a Biblioteca, de interpretações. Tentar entender a metáfora da Biblioteca é um jogo, como muitos outros da literatura de Borges, que deu certo: todo mundo tenta o seu palpite.

Não seremos diferentes. Contudo, antes de mais uma tentativa – possivelmente inócua – de dizer “o que a biblioteca é”, tentar-se-á, apenas, dizer “como ela é”. Fazemos a hipótese que ela é constituída por um espaço Sagrado. É sob a luz dos estudos de Mircea Eliade sobre o Sagrado e o Profano que buscaremos perceber em que medida a Biblioteca borgiana configura, aos olhos desse narrador, um espaço de presença do Sagrado.

¹ Doutoranda em Teoria e Crítica Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP). Licenciada em Letras e Mestre em Crítica Literária pelo mesmo instituto. E-mail: marcellabud@gmail.com.

O conto é uma narração fortemente descritiva. Em primeira pessoa, um narrador apresenta aos seus leitores a imagem de uma Biblioteca, a Biblioteca de Babel. O conto se inicia com a curiosa frase de que o Universo, que outros chamam Biblioteca, compõe-se de um número infinito de galerias. O universo todo, enfim, é a realidade desse narrador e o seu fito, neste conto, é apresentá-lo em detalhes, ainda que sem grande homogeneidade semântica nesta descrição, que vai dos aspectos (aparentemente) concretos aos mais abstratos, na mesma formulação sintática.

Nesta descrição, há uma tentativa de Borges de incutir no leitor uma sensação de consagração, isto é: aquele espaço se apresenta como uma representação do Sagrado, e Borges não economiza em referências desta natureza, desde místicas, como a Cabala (a Biblioteca possui uma relação com a interpretação de uma linguagem divina); a dogmas cristãos, como o da eternidade do tempo de Deus – que é, também, o tempo da Biblioteca. É bem possível, fazemos a hipótese, que o grande interesse que esse conto gerou no público advenha, inclusive, dessa aura mística e religiosa que Borges deu, por entrelinhas, ao seu conto, que redundou na curiosidade do público leitor. Como aparato para falar em Sagrado e em sua configuração espacial, selecionamos Mircea Eliade.

Mircea Eliade (2001: 20), concebe o Sagrado a partir de sua oposição ao Profano, definindo-os como “duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”, o que inclui a questão do tempo, do espaço, das relações com a natureza e com o mundo dos utensílios, bem como a própria consagração da vida humana (trabalho, sexualidade, alimentação etc.). Toda essa relação é fundamental para entender o Sagrado, mas optaremos por discutir um ponto em específico: o espaço. Como se configura, enfim, o espaço para o homem considerado por Eliade um *homo religiosus*².

Para o homem religioso, dirá Eliade (2011: 25) “o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”. A percepção do espaço paralelo é proposta por Borges no conto referido. Ele é composto pela sobreposição de formas geométricas, especialmente hexágonos, escadas e espelhos, dispostos de forma indefinida.

El universo (que otros llaman la Biblioteca) se compone de un número indefinido, y tal vez infinito, de galerías hexagonales, con vastos pozos de ventilación en el medio, cercados por barandas bajísimas. Desde cualquier hexágono se ven los pisos inferiores y superiores: interminablemente. La distribución de las galerías es invariable. Veinte anaqueles, a cinco largos anaqueles por lado, cubren todos los lados menos dos; su altura, que es la de los pisos, excede apenas la de un bibliotecario normal (Borges 2010: 558).

Ademais, recordará Eliade, o homem religioso concebe mais de uma realidade, isto é, a realidade sagrada, que se manifesta em alguns momentos, e a

² Para Eliade, o sentimento de ligação com o Sagrado, presente de forma muito visível no homem primitivo, permanece no homem contemporâneo, haja vista que há um sagrado intrínseco nesta natureza, que se manifesta mesmo naqueles indispostos à uma visão sacralizada do mundo. A essa espécie, a nossa, Eliade dá o nome de *Homo Religiosus*.

realidade dita natural. É na realidade sagrada que ideia e ideado se fundem, e encontramos uma perfeição. Uma parcela dessa realidade efetivamente real manifesta-se aos homens a partir das hierofanias, momento em que o ser humano experimenta a realidade sagrada. Para Eliade, as hierofanias possuem formas inúmeras e variadas, desde as mais simples, como a manifestação em um objeto, como uma árvore, até a hierofania suprema: manifestação de deus em um homem, como foi Jesus Cristo.

Nesse ponto, merece destaque uma consideração de Eliade sobre as hierofanias: o autor afirma que há um mal estar constante do homem ocidental diante delas, que redundaria numa espécie de desilusão e descrença. Esse mal estar é retratado por Borges em seu conto, pois seu narrador tem temores, aspirações e confusões pessoais que se entremeiam à descrição da Biblioteca, muitas delas, inclusive, questionando as afirmações feitas acerca de Deus, ou algo sagrado. É interessante notar, nesse ponto, que o narrador, que descreve esse universo como um construto quase molecular, tem o desejo de entender aquilo que é desconhecido e infinito:

En el zaguán hay un espejo, que fielmente duplica las apariencias. Los hombres suelen inferir de ese espejo que la Biblioteca no es infinita (si lo fuera realmente ¿a qué esa duplicación ilusoria?); yo prefiero soñar que las superficies bruñidas figuran y prometen el infinito... La luz procede de unas frutas esféricas que llevan el nombre de lámparas. Hay dos en cada hexágono: transversales. La luz que emiten es insuficiente, incesante (Borges 2010: 558).

Esse mal estar em relação à grandiosidade da Biblioteca, retratado por Borges em seu personagem, também nos remete a outra categoria, diferente (ainda que não excludente) daquela do Sagrado: o Sublime kantiano. É preciso considerar que a Biblioteca e a sua configuração de infinito é, também, da ordem do Sublime.

A Biblioteca como sublime

O conceito de Sublime, que tem sido amplamente confundido com o conceito de Belo (e com quem tem marcantes diferenças) foi desenvolvido por Kant em sua *Crítica da Faculdade do Juízo* (1995). Kant define o Belo como um juízo estético causador de prazer e de natureza universal, haja vista que o Belo resulta da apresentação sensível de formas que correspondem a uma finalidade natural.

Diferente do Belo, o Sublime pode ser informe, uma vez que está relacionado com a quantidade:

O belo da natureza concerne à forma do objeto, que consiste na limitação; o sublime, contrariamente, pode também ser encontrado em um objeto sem forma, na medida em que seja representada ou que o objeto enseje representar nele uma *ilimitação*, pensada, além disso, em sua totalidade; de modo que o belo parece ser considerado como

apresentação de um conceito indeterminado do entendimento, o sublime, porém, como apresentação de um conceito semelhante da razão (Kant 1995: 90).

O Sublime não é atrativo, da mesma forma como o espírito não é. A relação do Sublime é dúbia: ele atrai e repele. Nesse sentido, o prazer que vem do Sublime não pode ser considerado positivo, porque é, em si, também, um desprazer, ou prazer negativo:

o sentimento do sublime é um prazer que surge só indiretamente, ou seja, ele é produzido pelo sentimento de uma momentânea inibição das forças vitais e pela efusão imediatamente consecutiva e tanto mais forte das mesmas [...]. Por isso, também é incompatível com atrativos e, enquanto o ânimo não é simplesmente atraído pelo objeto, mas alternadamente sempre de novo repellido por ele, a complacência no sublime contém não tanto prazer positivo, *quanto muito mais admiração ou respeito, merece ser chamada de prazer negativo* (Kant 1995: 90; grifos nossos).

Esse prazer negativo, advindo da admiração e do respeito, aparece nitidamente na descrição da Biblioteca: tudo na biblioteca é infinito, dada a sua dimensão: “El universo estaba justificado, el universo bruscamente usurpó las dimensiones ilimitadas de la esperanza” (Borges 2010: 562).

No texto de Borges, esse (des)prazer do ilimitado também é dúbio. Ele trata agora a infinitude desse universo-biblioteca como algo que transita entre duas dimensões, uma positiva e uma negativa: abarcando-se tudo, a humanidade era dona de um tesouro completo. Em contrapartida, era usurpada de sua esperança, uma vez que a possibilidade de tudo abarcar restringia, ironicamente, os limites de tal esperança.

Ademais, em Borges, esse compêndio único do saber é, numa primeira leitura, bem quisto, mas depois se transforma no responsável pela loucura e desespero da população, que estava diante de um Sublime perturbador:

Cuando se proclamó que la Biblioteca abarcaba todos los libros, la primera impresión fue de extravagante felicidad. Todos los hombres se sintieron señores de un tesoro intacto y secreto [...] A la desaforada esperanza, sucedió, como es natural, una depresión excesiva. La certidumbre de que algún anaquel en algún hexágono encerraba libros preciosos y de que esos libros preciosos eran inaccesibles, pareció casi intolerable (Borges 2010: 562).

O narrador da Biblioteca conta que com a consciência de que a biblioteca continha todo o saber do universo, muitos saíram em busca de suas vindicações e que, tendo-se deparado com a infinitude e inacessibilidade da biblioteca, seitas de destruição em massa foram criadas. É curiosa a passagem sobre essas seitas, haja vista que elas parecem representar, diante da presente explanação, uma reação

ingênuo diante do Sublime. Isto é, diante do grandioso, aquilo que parece de menor porte poderia, enfim, ser destruído. Há, no conto, uma seita na qual se queimavam os livros tidos como inúteis, isentos do verdadeiro saber, que não é universal para todos os habitantes da Biblioteca, haja vista a falsidade do pensamento exposto como sendo o que rege a seita:

Otros, inversamente, creyeron que lo primordial era eliminar las obras inútiles. Invadían los hexágonos, exhibían credenciales no siempre falsas, hojeaban con fastidio un volumen y condenaban anaqueles enteros: a su furor higiénico, ascético, se debe la insensata perdición de millones de libros. Su nombre es execrado, pero quienes deploran los «tesoros» que su frenesí destruyó, negligén dos hechos notorios. Uno: la Biblioteca es tan enorme que toda reducción de origen humano resulta infinitesimal (Borges 2010: 563).

Além de próprio do Sublime, o infinito é, também, uma característica do Sagrado: os deuses, das diferentes mitologias às doutrinas cristãs, são infinitos, intermináveis e onipresentes.

O infinito, o eterno e o Sagrado: o narrador como *homo religiosus*

A biblioteca, esse universo todo, é infinita. Esse Sublime, que é todo ele a Biblioteca, é considerado, por nós, um espaço sagrado. Para Eliade, o espaço profano é amorfo, impassível de mudança ou de qualquer coisa que não seja concebida pelo homem. O infinito não pode ser concebido pelos homens profanos que, nesse caso, preferem legitimar sua descrença a partir da existência de um espelho, enganador e duplicador de realidades: “En el zaguán hay un espejo, que fielmente duplica las apariencias. Los hombres suelen inferir de ese espejo que la Biblioteca no es infinita (si lo fuera realmente ¿a qué esa duplicación ilusoria?)” (Borges 2010: 558).

É preciso, ainda, uma consideração: Borges talvez tenha uma apreensão de espaço homogêneo, mas não é parte da nossa discussão colocar em pauta se o autor, em si, pode ganhar o estatuto de religioso à luz da definição de Eliade. Colocamos, portanto, outro homem à prova desse conceito: o narrador do conto, descritor do Universo que é a Biblioteca.

Esse homem religioso nos é apresentado cansado e descrente. No momento em que narra, já aguarda a hora da sua morte e afirma já ter buscado o “catálogo dos catálogos” em sua juventude. Dividido entre a desilusão e a crença, o narrador comenta sobre a relação que os idealistas têm com esse livro cíclico que é Deus e que é o mistério:

Los idealistas arguyen que las salas hexagonales son una forma necesaria del espacio absoluto o, por lo menos, de nuestra intuición del espacio. Razonan que es inconcebible una sala triangular o pentagonal. (Los místicos pretenden que el éxtasis les revela una cámara circular con un gran libro circular de lomo continuo, que da toda la vuelta de las

paredes; pero su testimonio es sospechoso; sus palabras, oscuras. Ese libro cíclico es Dios.) Básteme, por ahora, repetir el dictamen clásico: La Biblioteca es una esfera cuyo centro cabal es cualquier hexágono, cuya circunferencia es inaccesible (Borges 2010: 559).

Nesse trecho o autor também faz uma apreciação do espaço, que ele considera como uma “intuição do espaço”, e não necessariamente um espaço absoluto. A incerteza quanto ao espaço indica que este é heterogêneo, ou concebido dessa maneira pelo narrador, que tem, como única certeza, a inacessibilidade do centro desse universo. O mistério, é preciso lembrar, é inacessível. Para Eliade, o espaço sagrado é heterogêneo porque se diferencia do profano que o cerca. Nesse caso, para os místicos da biblioteca, o espaço sagrado é o que guarda esse grande livro circular; enquanto para o autor, é o centro dessa esfera cabal, necessariamente inacessível. A ideia de centro, inacessível, casa também com a concepção de fundação do mundo. Eliade (2011: 26) explana:

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”.

A hierofania é, portanto, um ponto de origem, um centro que orienta esse homem religioso. Para além disso, o espaço sagrado também possui a função de organizar esse universo vasto que é o universo confuso e profano.

O homem religioso depende dessa ruptura do espaço para a orientação de sua vida, o narrador e morador da biblioteca também depende da esfera cabal identificada como preceito clássico sobre o universo. Esse preceito vem seguido pela enumeração de alguns axiomas. São eles a eternidade da biblioteca e a imperfeição dos livros.

El primero: La Biblioteca existe ab aeterno. De esa verdad cuyo colorario inmediato es la eternidad futura del mundo, ninguna mente razonable puede dudar. El hombre, el imperfecto bibliotecario, puede ser obra del azar o de los demiurgos malévolos; el universo, con su elegante dotación de anaqueles, de tomos enigmáticos, de infatigables escaleras para el viajero y de letrinas para el bibliotecario sentado, sólo puede ser obra de un dios. Para percibir la distancia que hay entre lo divino y lo humano, basta comparar estos rudos símbolos trémulos que mi falible mano garabatea en la tapa de un libro, con las letras orgánicas del interior: puntuales, delicadas, negrísimas, inimitablemente simétricas (Borges 2010: 558).

Não com dificuldade, rememoramos dois aspectos da tradição judaico-cristã: o reino de deus, que é eterno³, e os homens, feitos à imagem e semelhança de deus, cópias imperfeitas e passíveis de erro. Para ilustrar esse dogma, basta recorrermos ao gênesis:

Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie”, e assim se fez. Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, toda as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou (Bíblia, Gn 1: 24-27).

Sobre a questão da eternidade, muitos autores discorreram incansavelmente. Para atingir um desiderato simples, a saber, associar a eternidade ao pensamento religioso judaico-cristão, lançaremos mão de uma síntese – necessariamente simplificadora – da apreciação de Santo Agostinho sobre a questão do tempo. A discussão sobre o tempo é muito difícil, o próprio Santo Agostinho resume muito bem essa dificuldade: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (Agostinho 1996: 322).

Essa dificuldade de Agostinho dá origem a diferentes reflexões sobre a reflexão do tempo. Entre elas, Agostinho conclui que só é possível pensar no tempo no momento em que o medimos e essa medida se dá, necessariamente, no presente:

Mas não medimos os tempos que passa, quando os medimos pela sensibilidade. Quem pode medir os tempos passados que já não existem ou os futuros que ainda não chegaram? Só se alguém se atrever a dizer que pode medir o que não existe! Quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, já tiver decorrido, não o poder perceber nem pedir, porque esse tempo já não existe (Agostinho 1996: 325).

A dificuldade de Santo Agostinho é resolvida, então, com o reconhecimento de um outro tempo: o tempo de Deus, isto é, da eternidade. Se só medimos o tempo a partir do seu presente, temos o que Santo Agostinho chama de *O eterno “hoje”*, isto é, uma sensação de tempo presente que se reproduz ainda quando falamos do passado ou quando conjecturamos sobre o futuro. Tal sensação é o eterno de Deus, haja vista que para uma divindade essa distensão temporal não existe:

³ Especificamos aqui a religião judaico-cristã, uma vez que, diferente da ideia de “infinito”, o termo “eterno” (Do lat. *Aeternus*, que não tem princípio, nem fim) está vinculado com um Deus que nasce *ex nihilo*, isto é, é origem de toda criação. Não é o caso, por exemplo, dos deuses da mitologia greco-latina, cuja origem sempre advém de uma conturbada relação familiar, quase inapreensível até àqueles que se dedicam ao estudo de sua genealogia.

Os vossos anos não vão nem vem. Porém os nossos vão e vem, para que todos venham. Todos os vossos anos estão conjuntamente parados, porque estão fixos, nem os anos que chegam expulsam os que vão, porque estes não passam. Quanto aos nossos anos, só poderão existir *todos*, quando já todos não existirem (Agostinho 1996: 321).

Os anos de Deus não passam. O “eterno hoje” é responsável por uma apreensão de tempo que aparece, também, na Biblioteca: ela *existe ab aeterno*. Tal relação da biblioteca com o tempo evoca, mais uma vez, o Sagrado. Este tempo também é da ordem do heterogêneo, dado que ele se infiltra no tempo dos homens toda vez que estes dispõem-se ritualizar, mais uma vez, o tempo do Sagrado. Isso porque o eterno é um tempo sagrado e não possui uma duração irreversível, como aponta Eliade (2011: 64):

De certo ponto de vista, poder-se-ia dizer que o Tempo sagrado não “flui”, que não constitui uma duração “irreversível”. É um tempo ontológico por excelência, “parmenidiano”: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota.

Esse tempo, que não se esgota, é heterogêneo e mantém seu paralelo com a vastidão do espaço da Biblioteca. É justamente nesse paralelo que o conto segue narrando a vastidão de livros passíveis de serem encontrados na biblioteca. Ela abarca tudo e, conta-nos o narrador, que essa certeza alimentou por muito tempo a esperança dos moradores. No entanto, como ocorre com toda esperança desmedida, seguiu-se uma depressão coletiva pela impossibilidade de encontrar livros preciosos que poderiam explicar dúvidas universais, como a origem da biblioteca e do tempo⁴. Borges começa a lançar mão de alegorias para descrever fatos ocorridos em função e em prol de crenças religiosas, isto é, o surgimento de seitas – já supra mencionadas –, genocídio, a crença em uma necessidade de purificação e, por fim, a crença na possibilidade de encontrar o Homem do Livro:

En algún anaquel de algún hexágono (razonaron los hombres) debe existir un libro que sea la cifra y el compendio perfecto de todos los demás: algún bibliotecario lo ha recorrido y es análogo a un dios. En el lenguaje de esta zona persisten aún vestigios del culto de ese funcionario remoto. Muchos peregrinaron en busca de Él. Durante un siglo fatigaron en vano los más diversos rumbos. ¿Cómo localizar el venerado hexágono secreto que lo hospedaba? (Borges 2010: 563).

A busca humana pelo Sagrado, pela explicação e pela hierofania é absolutamente necessária para o homem religioso, uma vez que é a partir dela que seu universo, história e vida, se justificam.

Previamente, havíamos dito que se colocaria em questão se o narrador desse conto é ou não um homem religioso, aos termos de Eliade, e se concebe o tempo e o

⁴ Essa dificuldade foi temática constante das *Confissões* de Santo Agostinho que encontrou todas as respostas para suas inquietantes dúvidas na investigação mais íntima de sua fé.

espaço da forma que esta julga ser a do sagrado. Mesmo diante de todas as dúvidas e incertezas colocadas pelo narrador, ele mesmo contempla a própria necessidade de compreensão da ordem proposta por Ele. O conto é ambíguo e utiliza os pronomes com letra maiúscula, sem nos dar a certeza se o Ele se refere ao Homem do livro, ao livro cíclico, ou à própria biblioteca.

En aventuras de ésas, he prodigado y consumido mis años. No me parece inverosímil que en algún anaquel del universo haya un libro total; ruego a los dioses ignorados que un hombre - ¡uno solo, aunque sea, hace miles de años! - lo haya examinado y leído. Si el honor y la sabiduría y la felicidad no son para mí, que sean para otros. Que el cielo exista, aunque mi lugar sea el infierno. Que yo sea ultrajado y aniquilado, pero que en un instante, en un ser, Tu enorme Biblioteca se justifique (Borges 2010: 564).

A biblioteca precisa de justificativa para que o homem se justifique. A honra e a sabedoria total são da ordem do Sagrado e resta ao narrador, humano, rogar que algum dia alguém tenha acesso a ela, isto é, que o Sagrado se manifeste e que, portanto, o universo se justifique. É evidente, com a conclusão do conto, que o narrador se encontra em uma situação de confronto com o desejo de revelação do Sagrado. Confronto, contudo, não é descrença, é, na realidade, a crença posta ao limite como se a realidade sagrada devesse a este homem uma hierofania para que toda sua vida ganhasse um sentido, e seu mundo particular pudesse ser fundado e justificado.

Esse narrador presenciou a morte, a dor e o desespero causado pelas crenças que a biblioteca suscitou. Há, também, uma consideração sobre a linguagem – que justifica o título, Biblioteca de Babel – que abarca duas ideias principais: 1) a de que a Biblioteca contempla toda e qualquer linguagem existente; 2) a de que os homens entram em constante conflito pela impossibilidade de compreender, por completo, a linguagem do outro, ou usar adequadamente a própria linguagem. Essa impossibilidade custou a queda de Babel bíblica, o castigo divino pela impossibilidade humana de compreender e aceitar a alteridade. Lembra-nos Borges que falar é incorrer em tautologias. De certa maneira, os homens e sua incapacidade de abarcar o conhecimento do mundo são a frustração renovada de Borges, uma vez que o seu conhecimento é inevitavelmente inatingível.

Caos e Cosmos

O narrador é um homem que se confronta com o Sagrado, e ainda assim o concebe, aceita e busca. Mesmo desejoso de optar por uma compreensão profana de tempo e espaço (que diminuiria, inclusive, o terror do infinito da biblioteca que sobrevive ao próprio fim da espécie humana), o narrador não pode livrar-se das concepções de um homem religioso.

Ao longo de todo o conto, o narrador menciona uma ordem, e sobre ela dizem respeito as palavras finais:

Acabo de escribir infinita. No he interpolado ese adjetivo por una costumbre retórica; digo que no es ilógico pensar que el mundo es infinito. Quienes lo juzgan limitado, postulan que en lugares remotos los corredores y escaleras y hexágonos pueden inconcebiblemente cesar, lo cual es absurdo. Quienes la imaginan sin límites, olvidan que los tiene el número posible de libros. Yo me atrevo a insinuar esta solución del antiguo problema: La biblioteca es ilimitada y periódica. Si un eterno viajero la atravesara en cualquier dirección, comprobaría al cabo de los siglos que los mismos volúmenes se repiten en el mismo desorden (que, repetido, sería un orden: el Orden). Mi soledad se alegra con esa elegante esperanza (Borges 2010: 564).

Essa Ordem que se repete na desordem pode ser compreendida, finalmente, a partir da concepção de Eliade sobre o Caos e o cosmos. Cosmos diria respeito ao espaço habitado, compreendido, consagrado previamente; enquanto Caos seria todo o espaço estranho, distante, habitado por espectros e pelo desconhecimento. Eliade acredita que há uma nostalgia irremediável no homem religioso, a de habitar o mundo divino, isto é, um Cosmos puro e total, no qual a Ordem fosse plena.

O cosmos pleno é o desejo do narrador. Sua solidão alegra-se com a esperança da desordem que se configurará em Ordem, isto é, do caos que cessa e se reduz a Cosmos. O conto é, indubitavelmente, a visão desse narrador sobre o seu Universo, a sua Biblioteca: a imagem pincelada por ele é a de um espaço incapaz de se manter constante: há rupturas, rasgos, inconstâncias. O narrador está diante de duas realidades que se sobrepõem: a humanidade, concebida em livros, sofre da dependência desse compêndio universal, infinito e capaz de abarcar todo conhecimento, isto é, a biblioteca. A relação do narrador com o espaço heterogêneo e sagrado é dúbia: ela consola e atemoriza. É também por isso que a infinitude (e força) da biblioteca proporcionam, ao mesmo tempo, conforto e desespero: é bom que o sagrado não tenha fim, no entanto, ele fantasmagoriza e assusta, pois o narrador não se sente inserido nessa realidade sagrada. A sua realidade é a da dor e da morte. O imperfeito livro aguarda por uma hierofania.

Considerações Finais

Se o imperfeito bibliotecário de Borges apreende de maneira heterogênea o espaço que o cerca, e funda nele um centro a partir de sua ruptura, isto é, de uma hierofania, nos parece possível afirmar que este personagem é, de fato, um *homo religiosus*.

Este homem, contudo, sofre: passa por um prazer negativo com frequência diante da imensidão do universo da biblioteca-universo, que lhe causa tanta admiração. Reiteramos: essa Biblioteca é da ordem do sublime e essa admiração se converte em temor e desprazer diante de sua inevitável diferença: o imperfeito bibliotecário segue sendo limitado, mortal e finito, enquanto a Biblioteca segue existindo *ab aeterno*.

THE LIBRARY OF BABEL AS A SACRED PHYSICAL SPACE

Abstract: This work presents an analysis of the short story "The Library of Babel", written by the Argentinian author Jorge Luis Borges, as a space belonging to the Sacred, within the characterization given by the dichotomy between Sacred and Profane, which is introduced by Mircea Eliade in "The Sacred and the Profane: the Nature of Religion". The Library, besides sacred, is constituted as Sublime, in the Kantian sense.

Keywords: sacred; library; Borges; sublime.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Vol. I. Buenos Aires: Emecé, 2010.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ARTIGO RECEBIDO EM 31/03/2014 E APROVADO EM 23/04/2014